

De escriba oficial de Ken Loach a celebridade pop

Integrante do júri de Cannes, em 2026, Paul Laverty, roteirista escocês com duas Palmas de Ouro em seu currículo, toma a Croisette de assalto com suas reflexões políticas humanistas



'O Último Pub', de 2023, foi o trabalho mais recente do bamba do roteiro em Cannes



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Está agendada para o dia 19, no Cinéma de la Plage - seção ao ar livre de Cannes, feita na orla da praia -, uma projeção de "Terra e Liberdade" (1995) um dos poucos títulos dos últimos 30 anos que Paul Laverty não escreveu em

sua contínua parceria com o inglês Ken Loach. Apesar disso, desde a coletiva oficial do júri deste festival, na terça-feira passada, o roteirista oficial do mestre marxista tornou-se celebridade pop no balneário, com tiradas políticas dignas de nota.

"Eu venho de uma geração que estudou Grego na escola e, embora não me lembre de muita coisa, sei que as raízes da palavra 'política' remetem para o modo como tratamos o povo, como se cuida do bem-estar da população. A política é parte do ar que respiramos. Quem se diz apolítico está a agir de modo político", disse Laverty, que, no final da conferência, fez referência ao cartaz oficial do evento, com o rosto de Susan Sarandon e Geena Davis



Aos 69 anos, Paul Laverty fez sua história profissional no cinema ao lado de Ken Loach, a partir de 1996

em Thelma & Louise (1992), para aquecer uma polêmica global ligada ao Oriente Médio. "Susan, Javier Bardem e Mark Ruffalo foram para uma lista de desagravo em Holly-

wood por denúncias ao genocídio palestino. A minha solidariedade para com eles é total".

Formado em Filosofia e depois em Direito, o escocês nasceu em

Calcutá Paul Laverty, hoje com 69 anos, fez da América Latina das décadas de 1980 e 90 a arena para uma série de lutas sociais em prol de países marcados por ditaduras ou guerrilhas. Da Nicarágua, onde iniciou seu périplo, ele foi para El Salvador e, na sequência, partiu para a Guatemala. Após longa estadia entre as veias abertas do território de colonização hispânica, ele resolveu procurar Ken Loach, entusiasmado pela natureza marxista dos longas do diretor, a fim de lhe servir como consultor para um projeto que virou o filme "Uma Canção Para Carla" (1996), sobre a reinvenção de uma imigrante nicaraguense em Glasgow.

Aquela aproximação de Laverty com o audiovisual deu frutos, uma vez que Loach nunca mais o largou. Fizeram outras 15 produções já lançadas, incluindo os dois títulos que deram a Palma de Ouro ao realizador, respectivamente há dez e há 20 anos: "Eu, Daniel Blake" (2016) e "Ventos da Liberdade" (2006). O trabalho mais recente deles foi "O Último Pub" ("The Old Oak", que concorreu à Palma de Ouro em 2023. Deixou a Croisette com a menção honrosa do Júri Ecumênico.

Laverty é parte essencial da força política da estética de Loach, com seu fraseado curto, de reflexões alarmistas sobre a engenharia da exclusão no Velho Mundo. "Quem controla o poder é que decide como os algoritmos vão afetar as nossas vidas", cravou o bamba do roteiro, ao lado de seu colegiado de juradas e jurados, presidido pelo cineasta sul-coreano Park Chan-wook. Agitada por reviravoltas violentas, a dramaturgia de Laverty abraça a sociologia, combinando-a com o (melo) drama numa mistura perfeita.

Costa Rica em marcha

'Siempre Soy Tu Animal Materno' leva grife autoral de Valentina Maurel à Mostra Un Certain Regard

Quatro anos de colecionar prêmios, entre os festivais de Locarno e San Sebastián, com "Tinho Sonhos Elétricos" (exibido aqui via MUBI), a diretora Valentina Maurel agora que as laúreas de Cannes para seu país de berço, a Costa Rica. Defende sua pátria na competição paralela Un Certain Regard com "Siempre Soy Tu Animal Materno", agendado para sábado, no Palais des Festivals.

Na trama, Elsa, de 28 anos, que

passou um longo tempo na Europa, retorna para a América Latina e se reencontra com sua irmã mais nova, Amalia, de 20, que está se deixando levar por um caminho tão esotérico quanto existencial. Enquanto seu pai, Nahuel, busca segurança por meio de uma série de conquistas românticas e sua mãe, Isabel, dedica-se à reedição dos poemas eróticos de sua juventude, Elsa hesita. Deve tentar salvar uma irmã que se recusa a ser



'Siempre Soy Tu Animal Materno', longa sobre reencontros familiares, pode dar à Costa Rica o Prix Un Certain Regard

salva ou, por sua vez, fugir?

"O horror do machismo, com toda a violência que ele produz, nunca será rechaçado se a gente não falar dos homens com liberdade e com respeito", disse Valentina ao Correio da Manhã, antes de finalizar "Siempre Soy Tu Animal Materno". "O que me interessa é falar de gente, sem julgar ninguém, embora reconheça a tendência excludente de nosso continente na forma vigente do sexismo". (R.F.)